

# A EXTENSÃO DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

Por *Alexandre Milhoranza*

A aceitação dos 24 livros que compõem o cânon hebraico Não resolveu a questão de uma vez por todas. Alguns estudiosos de eras posteriores nem sempre estavam conscientes dos fatos da aceitação original, e destas dúvidas nasceram alguns conceitos técnicos sobre a aceitação dos livros. Veremos quatro classificações que os livros receberam de acordo com sua aceitação ou rejeição.

- Livros aceitos por todos – **Homologoumena**
- Livros rejeitados por todos – **Pseudepígrafos**
- Livros questionados por alguns – **Antilegomena**
- Livros aceitos por alguns – **Apócrifos**

## **Os livros aceitos por todos – Homologoumena**

São os livros que nunca foram questionados por nenhum dos grandes rabis. Todos reconheceram ser detentores da inspiração divina. Trinta e quatro dos 39 livros que formam o Velho Testamento são pertencentes a esta classificação. Os cinco excluíveis seriam: Cântico dos cânticos, Eclesiastes, Ester, Ezequiel e Provérbios. Como não foram alvo de sérias contradições, podemos focar nosso estudo aos outros livros.

## **Os livros rejeitados por todos – Pseudepígrafos**

Os documentos tidos como não inspirados que circulavam entre a comunidade hebraica no Velho Testamento são conhecidos como *pseudepígrafos*. Nem tudo o que está escrito nestes livros são mentiras, porém alguns conceitos apresentados chegam a ser heréticos, pois apresentam algumas palavras com suposta autoridade divina, isso num contexto de fantasia religiosa. O Novo Testamento chega a mencionar algumas coisas destes livros. Em Jd 14 e 15 está a citação de um trecho do livro de Enoque e Paulo cita a penitência de Jambres e Janes (2ª Tm 3:8). Devemos notar que o Novo Testamento cita os fatos verdadeiros destes livros, sem contudo atribuir-lhes autoridade divina. Afinal, a verdade é sempre verdade, mesmo quando dita por um: profeta pagão (Nm 24:17), animal irracional mudo (Nm 22:28) ou mesmo um demônio (At 16:17).

- **A natureza dos pseudepígrafos**

Contém os extremos da fantasia religiosa judaica no período compreendido entre 200 a. C. e 200 d. C. Alguns são inofensivos, assim como o Salmo 151, porém, outros contém erros históricos e heresias. Analisando-se superficialmente, estes livros são tomados por religiosos. Porém a não fundamentada autoridade divina e os ensinamentos questionáveis e heréticos algumas vezes, levaram os pais do judaísmo a considerá-los não inspirados. Abaixo segue uma pequena lista dos principais livros desta classificação (existem muito outros ainda):

<b>Lendários</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O livro do Jubileu</li> <li>• Epístola de Aristéias</li> <li>• O livro de Adão e Eva</li> <li>• O martírio de Isaías</li> </ul>
<b>Apocalípticos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 1 Enoque</li> <li>• Testamento dos doze patriarcas</li> <li>• O oráculo sibilino</li> <li>• Assunção de Moisés</li> <li>• 2 Enoque – ou – O livro dos segredos de Enoque</li> <li>• 2 Baruque – ou – O apocalipse siríaco de Baruque</li> <li>• 3 Baruque – ou – O apocalipse grego de Baruque</li> </ul>
<b>Didáticos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• 3 Macabeus</li> <li>• 4 Macabeus</li> <li>• Pirque Abote</li> <li>• A história de Aicar</li> </ul>
<b>Poéticos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Salmos de Salomão</li> <li>• Salmo 151</li> </ul>
<b>Históricos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fragmentos de uma obra de Sadoque</li> </ul>

### ***Os livros questionados por alguns – Antilegomena***

- **A natureza dos antilegomena**

Vimos na aula anterior como os 39 livros do Velho Testamento foram, de início, aceitos e reconhecidos como tendo autoridade divina pelo povo de Deus. Durante os séculos seguintes houve uma nova posição entre o povo judeu e alguns rabis resolveram pôr à prova alguns dos livros que anteriormente haviam tido sua autoridade reconhecida. Então, em vista deste livros uma vez na história tendo seu reconhecimento divino posto em dúvida, estes escritos recebem o nome de *Antilegomena*.

- **O número dos Antilegomena**

Cântico dos cânticos, Ester, Provérbios, Eclesiastes e Ezequiel tiveram sua autoridade divina contestada em um ou outro tempo. Porém, no final, prevaleceu a canonicidade destes 5 livros.

- Cânticos dos cânticos – Alguns estudiosos da escola de Shammai (rabi Judeu) consideraram este livro sensual demais. Mas, para acabar com a controvérsia em torno deste livro e defender a canonicidade dele o rabi Akiva escreveu o seguinte:

*“Livre-nos Deus! Ninguém jamais em Israel criou controvérsia acerca do Cântico dos Cânticos, alegando não tornar imundas as mãos [i.e., não ser canônico]; todas as eras somadas não equivalem ao dia em que o Cântico dos Cânticos foi dado a Israel. Todos os Escritos são santos, mas o Cântico dos Cânticos é o Santo dos Santos”.*

Quaisquer que tenham sido as dúvidas em relação à canonicidade deste livro, foram mal interpretadas. A pureza sexual, no casamento, foi exaltada por Deus neste livro. Deus deu o sexo aos seres humanos, para seu prazer, desde que realizado dentro dos parâmetros bíblicos. Cânticos dos cânticos nos dá este parâmetro.

- Eclesiastes – Sua autoridade divina foi questionada por ser demasiadamente cético. Porém assim como com Cântico dos cânticos foi dada uma interpretação errônea de seus textos. Não tem nada

a ver com sua autoridade divina. Cada uma destas observações aparentemente céticas tem como objetivo mostrar que todas essas coisas, longe de Deus, são como correr atrás do vento. Basta ver a conclusão do livro: Ec 12:13

- Ester – Em virtude do não aparecimento do nome de Deus neste livro, sua canonicidade foi questionada. Porém podemos perceber que, durante o desenrolar da história, a mão de Deus esteve sempre presente, guardando e protegendo seu povo, no dia a dia, em cada detalhe. Outros estudiosos ainda dizem que a omissão do nome de Deus foi proposital, para impedir o plágio de outras nações, dando crédito a outros deuses.
- Ezequiel – Novamente alguns estudiosos da escola de Shammai acharam que o livro de Ezequiel era antimosáico (contra a lei de Moisés), especialmente seus dez primeiros capítulos, que tinham uma tendência para o gnosticismo. Porém, se houvesse contradições com a Torá (Lei) o mesmo não poderia ter sido canonizado. Foi então, mais uma vez, uma questão de interpretação, não de inspiração.
- Provérbios – O fato da dúvida em Provérbios se baseou no capítulo 26, dizendo que devemos responder ao tolo, isso ia contra alguns dos outros provérbios. O que houve, mais uma vez foi o erro de interpretação, pois existem momentos onde devemos responder, e outros momentos onde devemos nos calar.

### **Os livros aceitos por alguns – Apócrifos**

O ponto com maiores divergências no cânon do Antigo Testamento está na aceitação, ou não, dos chamados livros apócrifos. São aceitos pelos católicos romanos e rejeitados pelos protestantes e judeus. *Apocrypha* em grego quer dizer *oculto* ou *difícil de entender*, mas depois tomou o sentido de *esotérico*. Desde a época da Reforma (séc. XVI) tem sido usado para descrever os escritos não-canônicos do período intertestamentário.

A questão é: estes livros eram ocultos a fim de serem preservados, pois sua mensagem era profunda; ou porque eram de confiabilidade duvidosa.

- **A natureza e número dos apócrifos do Velho Testamento**

Há quinze livros chamados apócrifos, e preenchem a lacuna entre Malaquias e Mateus.

Gênero do livro	Versão revista padrão	Versão de Douai
<b>Didático</b>	Sabedoria de Salomão (c. 30 a. C.) Eclesiástico (Siraque) (c. 132 a. C.)	O livros da sabedoria Eclesiástico
<b>Religioso</b>	Tobias (c. 200 a. C.)	Tobias
<b>Romance</b>	Judite (c. 150 a. C.)	Judite
<b>Histórico</b>	1 Esdras (c. 150-100 a. C.) 1 Macabeus (c. 110 a. C.) 2 Macabeus (c. 110-70 a. C.)	3 Esdras* 1 Macabeus 2 Macabeus
<b>Profético</b>	Baruque (c. 150-50 a. C.) Epístola de Jeremias (c. 300-100 a. C.) 2 Esdras (c. 100 a. C.)	Baruque 1-5 Baruque 6 4 Esdras**

<b>Lendário</b>	Adições a Ester (140-110 a. C.)	Ester 10:4 – 16:24
	Oração de Azarias (Séc. I ou II a. C.)	Daniel 3:24-90*
	Suzana (Séc. I ou II a. C.)	Daniel 13**
	Bel e o dragão (c. 100 a. C.)	Daniel 14**
	Oração de Manassés (Séc. I ou II a. C.)	Oração de Manassés*

\*Livros não aceitos como canônicos no Concílio de Trento (1546).

\*\* Livros não relacionados no sumário de Douai por estarem juntos com outros livros.

- **Argumentos a favor da aceitação dos apócrifos**

Os protestantes e judeus aceitam que haja algum valor religioso ou histórico, porém não atribuem a estes livros nenhum valor canônico. Os católicos desde o concílio de Trento (1546) têm aceitado estes livros como inspirados por Deus.

☞ *Alusões no Novo Testamento* – O Novo Testamento registra alguns fatos e pensamentos. Por exemplo, Hebreus fala de mulheres que receberam seus mortos pela ressurreição (Hb 11:35), e faz referência a 2 Macabeus 7 e 12. Os chamados pseudepígrafos também são citados (Jd 14 e 15; 2ª Tm 3:8)

- *Emprego que o Novo Testamento faz da versão dos Septuagintas* – A versão grega da bíblia hebraica chamava-se Septuaginta. Foi realizada em Alexandria. É a versão mais citada pelo Novo Testamento e pelos cristãos primitivos. A septuaginta continha os apócrifos.

Ž *Os mais antigos manuscritos completos da Bíblia* – Os mais antigos manuscritos da Bíblia em grego contém os livros apócrifos inseridos entre os livros do Antigo Testamento.

- *A arte cristã primitiva* – Alguns dos registros da arte cristã primitiva refletem o uso dos apócrifos. Algumas gravuras feitas nas catacumbas se baseavam na história registrada no período inter-testamentário.

- *Os primeiros pais da Igreja* – Alguns pais da Igreja, especialmente os do Ocidente, usaram os livros apócrifos em seu ensino.

‘ *A influência de Agostinho* – Ele influenciou os concílios da Igreja em Hipo (c. 393 d. C.) e Cartago (c. 397 d. C.), que relacionaram os apócrifos como canônicos. A partir daí a Igreja Ocidental passou a usá-los em seu culto público.

’ *O concílio de Trento* – Em 1546, o concílio católico do Pós-Reforma, realizado em Trento, proclamou os livros apócrifos como canônicos. Desde então, a Igreja Católica passou a aceitar os apócrifos como detentores de autoridade divina e espiritual.

“ *Uso não católico* – As Bíblias protestantes logo após a Reforma continham os apócrifos. A Igreja Anglicana usa regularmente os apócrifos em seus cultos públicos, e também, as igrejas ortodoxas orientais tem uso comum e frequente deste livros.

” *Pergaminhos do Mar Morto* - Os livros apócrifos foram encontrados entre os rolos do Mar Morto. Alguns, inclusive, escritos em hebraico, o que indica terem sido usados por judeus palestinos antes da época de Jesus.

- **Argumentos contra a aceitação dos apócrifos**

*A autoridade do Novo Testamento* – O NT jamais cita um livro apócrifo como sendo inspirado. Assim como há algumas menções a outros escritos fora da Bíblia, não quer dizer que a simples menção de trechos destes livros lhe atribuam alguma autoridade divina. O NT cita os limites da extensão do cânon do VT, excluindo os apócrifos (Aula 7).

*A tradução Septuaginta* – O verdadeiro lugar do cânon hebraico era a Palestina, não Alexandria. O centro grego do saber não tinha autoridade para determinar com precisão quais livros pertenciam ao cânon hebraico. O fato da Septuaginta conter os livros apócrifos apenas prova que os judeus alexandrinos traduziram os demais

livros religiosos judaicos, do período intertestamentário, para o grego. Não é sequer um fato comprovado que a LXX do século I contivesse os apócrifos. Os primeiros manuscritos gregos que os incluem datam do século IV d. C.

*Bíblia cristã primitiva* – Os mais antigos manuscritos gregos datam do séc. IV e seguem a tradição da LXX, ou seja, contém os apócrifos. Porém, devemos ressaltar que era simplesmente uma *tradução* e não o *cânon* hebraico. O NT faz menções à LXX, porém não vemos uma única referência aos livros apócrifos. Isto apenas mostra que estes livros eram aceitos apenas por alguns cristãos e não por toda comunidade cristã da época.

*A arte cristã primitiva* – Isto nunca foi, e nem será base para reconhecermos a canonicidade de algum livro.

*Os primeiros pais da Igreja* – Os pais da Igreja, anteriores a Agostinho, nunca aceitaram a canonicidade destes livros.

*O cânon de Agostinho* - Agostinho não era isento de erros. Primeiramente, Agostinho supõe que os apócrifos tenham deutorocanonicidade (segundo cânon) e não canonicidade absoluta (*Cidade de Deus* 18,36). Além disso, os concílios de Hipo e de Cartago foram influenciados por Agostinho e nenhum especialista hebreu esteve presente nestes concílios. Jerônimo, que era o mais qualificado especialista hebreu rejeitou fortemente os apócrifos e chegou a recusar-se a traduzir estes para a linguagem latina (*Vulgata*). Só traduziu os apócrifos para o latim por pressão do Bispo de Roma. Só depois de sua morte é que os apócrifos foram incluídos na tradução Vulgata Latina.

*O concílio de Trento* – Foi um concílio realizado (1545 - 1563) para contra-atacar a Reforma Protestante que aconteceu em 1517. Uma das medidas para combater Lutero e os reformadores foi canonizar os livros apócrifos, já que Lutero os havia rejeitado.

*Uso não-católico* – O uso dos livros apócrifos entre as igrejas protestantes e anglicanas foi desigual. Ainda que igrejas não católicas façam uso dos livros apócrifos, nunca foram atribuídos aos mesmos qualquer autoridade divina.

*Pergaminhos do Mar Morto* - Foram achados além dos livros, comentários e manuais e em nenhum deste comentários e manuais se atribui valor canônico aos livros apócrifos. Podemos então presumir que a comunidade da época não considerava os livros apócrifos como canônicos.